

# Até agiotas são vítimas

Na última quinta-feira, a funcionária pública L.P., com o cheque especial à beira de mais um estouro, foi atrás dos agiotas para saldar uma dívida de R\$ 600,00. De cinco deles, ouviu a mesma resposta: não tinham dinheiro.

Um deles, G., um garçom do GDF ouvido pelo **Correio Brasileiro**, disse que desistiu do ramo porque os clientes não lhe pagavam.

G. virou agiota há um ano, com um capital de R\$ 900,00, economia de uma vida inteira.

Começou a emprestar a colegas desesperados, cobrando juros entre 12% e 18% ao mês. Seria até um bom negócio, não fosse a *concorrência desleal* do BRB.

“O cliente dava um cheque para o dia do pagamento. Quando eu ia descontar de manhã, o banco tinha levado tudo na noite anterior”.

O garçom, que ganha R\$ 400 por mês, coleciona cheques sem fundo. Houve vezes em que desistiu dos juros e se contentou em receber só o principal da dívida. Ou seja, a mesma quantia que havia emprestado muito tempo antes, sem correção.

Em grande parte dos casos, não conseguiu receber um centavo.

“Não posso nem reclamar. Agiotagem é crime. E não dá pra brigar ou fazer cara feia. Aí é que a pessoa não paga nunca. Se eu continuar tratando ela bem, quem sabe no 13º salário...”, imagina.

**Agiota** — Ele culpa o consumo desenfreado dos primórdios do real. Todos quiseram comprar tudo ao mesmo tempo. Estouraram o cheque especial e tiveram que recorrer ao agiota. Estouraram também o agiota.

G. voltou a ser apenas um garçom. Com R\$ 900,00 a menos.

O comerciante N. não teve melhor sorte. N. é apenas um elo de uma corrente falida.

No final do ano passado, quando já não conseguia mais vender automóveis, ele começou a pegar dinheiro emprestado com dois fornecedores, a 12% ao mês.

Em seguida, N. emprestava a L., agiota de apenas 23 anos de idade mas já tradicional na praça, cobrando 18%. L., por sua vez, passava para frente, *esfolando* a clientela com juros mensais de até 35%.

N. chegou a ter R\$ 120 mil na mão de L. Tudo ia bem até que a pirâmide começou a desmoronar.

L. deixou de receber. Entregou um Mitsubishi e uma sala no Setor Comercial Sul para pagar algumas dívidas e acumulou uma montanha de cheques sem fundo. Até que sumiu da cidade devendo a N., que deve aos dois fornecedores iniciais, que devem ao banco.

“Sei que ele não agiu de má fé. Quis até me pagar com cinco cheques de uma cliente, num total de R\$ 35 mil. Só que a mulher devia R\$ 86 mil ao banco. O mercado acabou. Brasília acabou”, desabafa N.